

ILUSTRAÇÃO DE POTY



DARCY RIBEIRO-ROBERTO DA MATTA UMA POLÊMICA NEM SEMPRE ANTROPOLÓGICA

UMA entrevista de Darcy Ribeiro a Edison Martins, publicada pela revista *Encontros com a Civilização Brasileira* (nº 12, junho de 1979), causou, no mínimo, um frisson nos meios acadêmicos. São aproximadamente 400 antropólogos em todo o Brasil, um quarto dos quais trabalhando no Rio. Um deles respondeu a Darcy Ribeiro: Roberto da Matta, do Museu Nacional, justamente a instituição mais criticada na entrevista.

Duas cartas a serem publicadas pela mesma revista (nº 15, nas bancas e livrarias na segunda quinzena deste mês) tornam pública a questão entre dois dos mais importantes antropólogos brasileiros. A primeira, Carta Aberta a Darcy Ribeiro, ocupa nada menos de 12 páginas; a outra, resposta à resposta, isto é, Darcy Ribeiro reafirmando Roberto da Matta, é três vezes menor e intitulada *Por uma Antropologia Melhor e Mais Nossa*.

Na entrevista, Darcy Ribeiro passara alguns pitos — como preferir dizer — no Museu Nacional, mais especificamente ao Departamento de Antropologia. Reclamava a não publicação (apesar de estar lá todo o acervo) da obra de Kurt Nimuendaju, "um alemãozinho que veio para cá na primeira década deste século, sem curso universitário, mas com um conhecimento enorme", e que conviveu com os índios durante toda a sua vida. Segundo Darcy Ribeiro, a obra deixada por Kurt Nimuendaju é mais importante do que a sua e a de todos os antropólogos brasileiros juntos.

Outro pito: o Museu Nacional não fez nenhuma exposição etnográfica nos últimos 20 anos. E mais: alguns de seus etnólogos seriam meros "Cavalos do santo", numa analogia às pessoas que incorporam santos, pois "apenas ilustram uma tesezinha de professor estrangeiro para obter o doutorado e permanecem sempre alienados". Ainda na entrevista, Darcy Ribeiro quase exige uma postura em favor do que ele chama de "antropologia melhor e mais nossa", não colonialista. Um dos pontos principais por ele abordados diz respeito à problemática dos índios, à qual os antropólogos brasileiros estariam frequentemente alheios. Essas críticas, na forma de algumas boutades característicos do entrevistado, repercutiram. E

deram margem à resposta de Roberto da Matta.

As duas cartas falam mais das personalidades de seus autores do que propriamente de idéias ou teorias antropológicas. O carisma, a sutileza e a habilidade de escrever, além da pouca modéstia, são pontos em comum entre uma e outra. O tom, porém, muda muito: Roberto da Matta é mais agressivo, enquanto Darcy Ribeiro, dizendo concordar com tudo que o outro diz, vale-se mais da ironia. De qualquer forma, através delas se abre a primeira grande polémica travada nos últimos anos entre dois especialistas brasileiros em torno da antropologia.

Outros especialistas, por zelo ou cautela, até aqui preferiram ficar de fora. O professor Gilberto Velho limita-se a observar que "talvez não estejamos acostumados a divergências desse tipo". Na verdade, ele chega a preferir que se evite a palavra divergência, em sua opinião negativa, preferindo falar em "uma questão de prioridade".

— Os indivíduos escolhem objetos de estudo específicos em função de razões que podem ser explicadas como científicas, políticas e existenciais. Não há, propriamente, divergências.

O professor cita, como exemplo, o fato de, das 61 dissertações defendidas no curso de pós-graduação de Antropologia, desde 1968, 25 versarem sobre o meio urbano (incluindo-se temas sobre favelas e religião), 24 sobre campesinato, sete sobre assuntos diversos e apenas cinco sobre sociedades tribais.

Já o antropólogo Carlos Moreira, mesmo reconhecendo que o Museu Nacional foi a "espinha dorsal" do staff científico da Comissão Rondon (decisão na fundação do Serviço de Proteção ao Índio, em 1910, e com uma posição enérgica e corajosa em favor da população indígena que estava sendo esmagada), concorda que a situação mudou muito quando, por exemplo, da abertura da Transamazônica.

— O Museu ficou alheio ao velho comprometimento que envolvia não só as questões do patrimônio natural, mas também do patrimônio humano.

Seguem-se os principais trechos das duas cartas que serão publicadas na íntegra por *Encontros com a Civilização Brasileira*:

CARTA ABERTA A DARCY RIBEIRO

"DARCY Ribeiro, saudades lacrimosas! ... Il sua entrevista no número 12 desta *Encontros com a Civilização Brasileira*, onde você deita faloção sobre índios, antropologia, teoria do bombardeio de Berlim, indigenismo, História do Brasil — no meio de todos esses assuntos — aproveita a oportunidade para dar uma espécie de "puxão de orelhas" no pessoal do Museu. Li, também surpreso, dias depois, o seu prefácio ao livro que reúne alguns trabalhos importantes do saudoso Eduardo Galvão, onde você novamente ataca o Museu Nacional. E, finalmente, refli sua entrevista dada a *Encontros com a Civilização Brasileira*, agora no *Coojournal* nº 42, onde obviamente, nós, do museu, recebemos mais uma vez um alto e troncudo "você sabe com quem está falando?"

(...) O tom da entrevista é digno de um Deus: Maíra, do alto de sua onipotência, fala duro com seus filhos e o ataque é brutal. Coisa de fazer homem feito chorar e menino pedir penico. Como briga em baile do sertão, com fôlego e terro, com Darcy naturalmente dando as melhores cutiladas e acertando sobretudo embalo, como, aliás, manda o figurino da chamada "luta política" brasileira, onde vale tudo, o que importa, sabemos, é ganhar. A ética que se dane, a moral que se rache, a verdade que se lixe. Ética, moral e verdade, já aprendemos a lição de Maíra: Darcy, só termos acadêmicos e devem ser banidos de nossas mentes (...)

(...) Porque você, Darcy, como as tropas do Eixo, ataca rápido e fala de tudo. Quem conhece História do Brasil? E Darcy Ribeiro, historiador. Quem tem um nome internacional publicando sobre mitologia, parentesco e arte indígena? É Ribeiro, o cientista. Quem conhece profundamente a alma indígena e sabe a beleza de uma "tribo ainda não tocada pela civilização"? É Darcy, o humanista. Quem sabe quando foi que os homens instituíram a estratificação social, "esse passo de progresso muito importante, mas terrível"? Pois bem, Darcy Ribeiro, o historiador da cultura sabe que isso ocorreu "há 6 mil anos". Quem foi que, com Curt Nimuendaju, fundou a verdadeira etnologia brasileira? Etnologia que une os destinos dos índios aos etnólogos? Naturalmente que foi também Darcy. Quem sabe o que será lembrado dentro de 50 ou 100 anos? Darcy Ribeiro, o futurologo, também sabe. Quem, além disso, tem soluções perfeitas para o nosso problema indígena? Ora, é Darcy, o indigenista, lógico. E quem é que diz o que presta e o que não presta na etnologia brasileira, separando o joio do trigo, o bom do ruim? Claro que é Darcy, o moralista.

Pena que nestas entrevistas *blitzkrieg* você não fale também de Darcy, o dono do poder. De Darcy Ribeiro, ex-chefe da Casa Civil de Jango Goulart, do ex-Ministro da Educação e Cultura, quando bastava uma penada sua para que os aviões de bombardeio levantassem vôo e os nossos índios — com quem seu destino, como você diz, está ligado — tivessem suas terras demarcadas, seus programas de saúde ativados e, quem sabe, o Museu Nacional melhores verbas para suas exposições e publicações dos livros de Curt Nimuendaju. Afinal, nem todo mundo é o demônio

Darcy Ribeiro, que faz tudo sozinho, e as frentes de luta, como você bem pode imaginar, são muitas e desagradáveis, mesmo para os antropólogos alienados que, como você diz, "colocam tudo a perder" e "não prestam para nada", como são os do Museu Nacional.

(...) Quem foi que manteve a chama da Antropologia Social acesa nos piores momentos da ditadura? Quem foi que também criou um espaço para o debate livre, civilizado e democrático dentro do âmbito universitário do Rio de Janeiro? Quem foi que ensinou a uma centena de jovens que queriam fazer alguma coisa em termos de antropologia, com índios, operários, camponeses, rituais, homossexuais, classe média, contos populares, ensino público, ideologias e contato intercultural? Quem foi que ficou engolido os sapos do nosso próprio autoritarismo e suportando os irresponsáveis da esquerda festiva e os imbecis da direita? Quem, a despeito de tudo isso, continuou escrevendo e procurando abrir um caminho, encontrar um espaço legítimo para o debate e para a busca intelectual séria na antropologia brasileira?

(...) Olha, meu Maíra-Darcy, o pessoal do Museu não quer compaixão ou medalhas de lóuvor nem de você nem de ninguém, mas temos o direito de exigir o reconhecimento do nosso trabalho, assim como você teve do seu. E mais: temos o direito de exigir um lugar nessa sociedade para a qual temos trabalhado e transformado, mas onde só fica famoso quem grita e confunde populismo com verdade. Se você é tão generoso com os índios, por que não pode ser um pouco mais aberto e tolerante com seus colegas do Museu Nacional? Ou você não nos considera seus colegas? Ou será que você não tem colegas?

É certo que nossa Antropologia Social é muito diferente da sua. Já não usamos mais os esquemas mecânicos tirados diretamente da obra do antropólogo norte-americano Leslie White como você faz. Também já não escrevemos sobre "arte plumária" dos nossos índios, uma espécie de deleite estético, publicado num livro caríssimo, com muita gravura e pouco fôlego interpretativo. Você diz que o nosso trabalho é um conjunto de "bobagens" e que nós fazemos nossas "carreirinhas" exemplificando idéias estrangeiras, "de qualquer Lévi-Strauss" (sic). Pois muito bem: e você? De onde saíram as idéias que formam o corpo teórico de sua famosa obra? Quem é que se utiliza, quase sem nenhuma modificação, dos esquemas evolucionistas vitorianos, tão populares quanto enganados, da antropologia norte-americana da década de 50?

Somos nós do Museu? Ou é você, Darcy? Será, por outro lado, que você não tem o direito de fazer isso? Será que nós do Museu damos entrevistas em tom grosseiro e mentiroso, falando mal de você e de sua antropologia? Ou da sua postura política? Não, meu velho. Nunca fizemos isso e jamais faremos tal coisa. Você pode fazer a antropologia que lhe convém e que, afinal, você merece. É um direito seu. Continue com seu evolucionismo vitoriano, onde o interesse pelas sociedades tribais é nulo, e o foco são as chamadas "revoluções tecnológicas". Continue também submetendo e submergindo os interesses da antropologia social aos de um populis-

mo indigenista retórico, ingênuo e radical, de que o único beneficiário é você mesmo. Ou será que os índios estão agora lendo os *Encontros com a Civilização Brasileira*? Mas não venha nos dizer o que fazer, ou o que está certo e errado neste mundo de Deus e de Maíra.

Essa é a verdadeira atitude antiantropológica. Nada mais distante do espírito de Curt Nimuendaju do que esse escandaloso "defender" de índios que só dá dividendos à irracionalidade, ao mais barato populismo e à postura de quem para com os índios não é necessário o trabalho interpretativo, mas é suficiente a "boa vontade" e a "ideologia". Você pensa que para "salvar" os índios basta realizar um trabalho de denúncias e estigmatização de quem não trabalha pela sua cartilha e está submissivo às suas idéias. Continuando assim, de denúncia em denúncia, você conseguirá realizar o seu sonho: você será, finalmente, o Carlos Lacerda da esquerda festiva.

(...) Isso tudo nos conduz, enfadados, à sua "teoria do muro de Berlim", e o exame desta "teoria" remete a uma visão reveladora das tarefas e do próprio significado que a antropologia tem para você.

Começamos com a "teoria". Aliás, não se trata de uma "teoria", mas de uma falácia que estabelece uma divisão radical e incorreta entre a teoria e a prática, de tal modo que, a rigor, o trabalho antropológico com populações tribais é impossível e, por implicação, qualquer reflexão sobre a situação humana torna-se uma imoralidade. Como você mesmo diz, Darcy, esta atitude reflexiva e sistemática é equivalente ao "bombardeio de Berlim", ao estudo dos berlinenses sob bombas, o que seria uma demonstração estúpida do "objetivismo científico". É completa você, com certo toque de triunfo. "Em Berlim, 1945, debaixo das bombas, destruída dia e noite, não havia condição nenhuma de se estudar a forma nem a moral da família alemã. Debaixo daqueles bombardeios, não havia instituição social, ou nenhuma moral, que se pudesse manter" (p.95).

Bem, Darcy, aqui você finalmente se revela. Primeiro, a sua visão do que seja o trabalho antropológico é errada. Você confunde antropologia com "objetivismo científico", um ideal da antropologia cultural norte-americana, a mais reacionária dos anos 50, infelizmente a única que você ainda conhece. Esse ideal colocava o estudo das sociedades e culturas como um processo acabado, pois culturas e sociedades não mudavam, eram do que resultados diretos e determinados de estruturas tecnológicas, estruturas que, por sua vez, eram meios de adaptação a certos espaços geográficos específicos. (...)

(...) Mas, além disso, sua "teoria" indica outro engano curioso. Você está realmente convencido de que antropologia estuda sempre a família. "A moral da família alemã", como você diz. Isso mostra que, para você, o estudo da família e do parentesco é algo que se escolhe. Naturalmente porque se é reacionário e acadêmico. Parece que nunca lhe passou pela cabeça que o parentesco é um idioma dominante em grupos tribais, onde o mundo se expressa por

meio de um sistema de relações múltiplas. Em outras palavras, ninguém estuda parentesco porque escolhe, mas porque sabe que sociedades tribais são sistemas totalizados pela linguagem do parentesco e das relações da família. São, por assim dizer, esses atos que permitem construir suas visões de mundo. Assim como nós, no capitalismo ou nas sociedades individualistas e fundadas na classe, na mais-valia e no mercado, expressamos o mundo em termos econômicos ("perder/ganhar", "vender/comprar", "terido ter etc."), na sociedade tribal o universo é falado pelas relações de família e parentesco.

É que, para você, "família" e outras instituições sociais, ou mesmo a moral, só podem operar dentro de certas condições. Curiosos: impressionante é essa posição de quem realmente supõe que a moralidade, a sociabilidade, ou a cultura, ideologia ou sistema de valores de um grupo possa desaparecer debaixo de um bombardeio. Isso é como admitir que os valores e as regras são coisas impostas de fora para dentro, como se houvesse primeiro um homem, depois as regras e, num terceiro momento, um encontro entre o homem e as regras. Mas, em certas condições, o homem fugiria das regras, relegaria a moralidade a um segundo grau, abandonaria suas formas de família, de parentesco, de valorização do mundo e da vida.

Nada mais errado. Nada mais simplório. Nada mais perverso.

(...) É triste constatar como você se revela, ao indicar como os índios são seres frágeis e não têm esperanças de sobrevivência. Mesmo sabendo das condições tremendas a que estão sendo submetidos os índios brasileiros, jamais alguém estaria autorizado a pensar que eles estivessem perdendo ou suspendendo sua moralidade ou instituições sociais. Ao contrário, o que aprendi com eles — e com todos os pobres em geral — é que há sempre esperança. Onde quer que exista um grupo humano, existe honradez, dignidade e possibilidade de sobrevivência.

(...) Finalmente, queria dizer que estou cansado. Cansado de ver tanta intolerância. Cansado de enxergar tanto autoritarismo disfarçado de democracia.

Estou também cansado de padrões, figuras, medalhões, pistóles, ministros, padrinhos, aliados, fundadores, heróis, líderes carismáticos, senadores, populistas e Maíra. Chega de tanta gente boa e genial! Gostaria de ver uma leva de pessoas que em vez de buscar me ensinar, aconselhar e lançar sobre mim suas luzes quisessem comigo, como iguais a mim. Ombrear sempre, como obviamente você, Darcy, não quer fazer, nesta luta modesta e infinita que é a do professor e do pesquisador que não quer jamais sair do velho Museu Nacional: mas que deseja lutar sempre contra a demagogia, a mesquinhez, a irracionalidade e a ideologia cega.

Termino aqui esta minha carta, Darcy. Lamento muito ter tido que escrevê-la. Mas não poderia deixar de expressar a você, de todo o coração, como sua entrevista me abalou e me decepcionou. Porque, no final das contas, o velho Darcy Ribeiro, o grande Maíra, revelou-se apenas isso: um pequeno e redundante Maíra-Mirim. Roberto Augusto da Matta.

"POR UMA ANTROPOLOGIA MELHOR E MAIS NOSSA"

"QUERIDO Roberto, li sua carta longuíssima. Obrigado, se me deu trabalho ler e compreender, muito mais terá dado a você para escrever. Obrigado. Confesso que gostei. E também — para seu espanto — que estou de acordo com quase toda ela. Gosto até de suas pequenas diábruras e zangas, afinal, legítimas. Ultimamente tenho desistido tanto a você pelo que sou, com o que faço e sobretudo pelo que digo, que devo aceitar, sem mágoas, que não me ame como deveria. Entenda, porém, Roberto que depois de tantos anos de doce exílio, sem meios de socorrer a vocês que penavam aqui, eu queria exercer de abrupto, com rispidez, uma influência que, gozoso, houvera exercido longa e carinhosamente. E revele algum mau-trato.

(...) Mas me deixe reiterar aqui aquelas minhas singelas reclamações, para que o leitor nos entenda e me ajude a colá-las.

Em primeiro lugar, reclamo que o Museu Nacional, tendo assumido há mais de 30 anos o compromisso formal e escrito de editar em português a obra de Curt Nimuendaju, nada tenha publicado até hoje. Trata-se, leitor, de uns 10 livros escritos por um sábio nascido na Alemanha, que se fez brasileiro, e viveu aqui toda a sua vida — a maior parte dela em aldeias de índios — e até trocou seu nome de família — Unkel — pelo nome que lhe deram os índios guaranis — Nimuendaju. Esses livros, editados originalmente em alemão, inglês, francês e espanhol, além de serem tidos unanimemente como clássicos da antropologia, são indispensáveis ao conhecimento dos índios do Brasil. Eles sozinhos valem mais — conforme assinalei várias vezes — do que a obra inteira de todos os etnólogos brasileiros, a minha inclusive. Roberto pondera que eu bem poderia ter feito esse serviço para ele, publicando as obras de Nimuendaju, quando era Ministro da Educação. Entendo, Roberto, que você esteja sugerindo que eu retorne ao Ministério. Estou de acordo, seria bom para todos. Mas nem isso os exímios do dever assumido há tantas décadas quando vocês receberam o acervo do nosso maior etnólogo com o compromisso de editá-lo. Concorda?

Outra reclamação minha é que o Museu Nacional, contando com tão brilhante floragem de jovens antropólogos, oupe ao menos uns poucos deles no refinamento e na reabertura da Exposição Etnológica, fechada há mais de 20 anos. Essa exposição, leitor, de tradição secular, é a mais importante do Museu. Representa para nós, no Brasil, o que são as exposições da Smithsonian Institution de Washington, do Museu do Homem em Paris, do Museu Britânico de Londres, do Museu de Berlim e de mais de uma dezena de museus

etnológicos do mundo inteiro. Em todas elas se podem ver primorosas exposições permanentes sobre as expressões materiais da criatividade dos índios do Brasil. Menos aqui. E isso me envergonha muito.

(...) Ponha a mão na consciência. Bob, e veja e admita que eu jamais hostilizei nosso vetusto MN. Ao contrário, sou eu que o defendo pedindo a você mais desvelo para com ele como uma das mais ilustres instituições culturais brasileiras. E não se esqueça, meu caro, que dentro em breve comemoraremos o centenário da monumental Exposição Antropológica Brasileira, de 1892, realizada no Museu Nacional e apresentada com um livro-catálogo que é disputado até hoje como obra rara. Precisamos fazer força para que isso não suceda com as exposições etnológicas do Museu, todas decrépitas e fechadas ao público. Seria uma suprema vergonha para vocês e para todos nós.

Minha reclamação que mais zanga provocou em você era, de fato, uma aspiração muito desasturada de padrinho exterior que quer ajudar à força seus afilhados a brilhar. Disse que não quero vê-los feito cavalos do santo de candomblé, por cujas bocas não falam nossos exus e xangôs, mas Lévi-Strauss, Victor W. Turner, P. Berger, ou até meus amigos Peter Worsley e Eric Hobsbawm que têm, aliás, horror disso.

(...) Ainda no campo das minhas ambições desvastradas, cabe uma palavra aqui sobre essa história berlinesa que tanto o ocupou. Eu me pergunto como uma tirada, minha, mereço graça ante um jornalista inteligente, tenha ganho tão altos foros em suas mãos, para merecer páginas de contestação como "a teoria do bombardeio de Berlim"? A única explicação plausível para isto é o sentimento de culpa que ela provoca em antropólogos infelizes aos povos que estudam. Não disse nem penso que a gente de Berlim não fosse estudável naquelas terríveis circunstâncias. Disse é que nenhum aspecto da conduta humana se podia estudar ali, legitimamente, sem levar em conta, principalmente, a circunstância do bombardeio medonho que, caíndo dia e noite sobre suas cabeças, a tudo afetava. Através desta alegoria só quero recordar aos etnólogos desatentos que nós estudamos os índios debaixo de circunstâncias ainda piores; das quais, lamentavelmente, nada se sabe, nem se presume pela leitura de seus papers.

Mas não se perturbe tanto, Roberto. Se puder, ria de mim e de si mesmo pensando que tudo isto são nada. Afinal, minhas alegações dizem respeito ao passado e ao presente e você tem à frente todo um amplo futuro para reconstituir sua vida intelectual e fazer a bela e generosa. Tomara!

E me queira bem. Darcy"